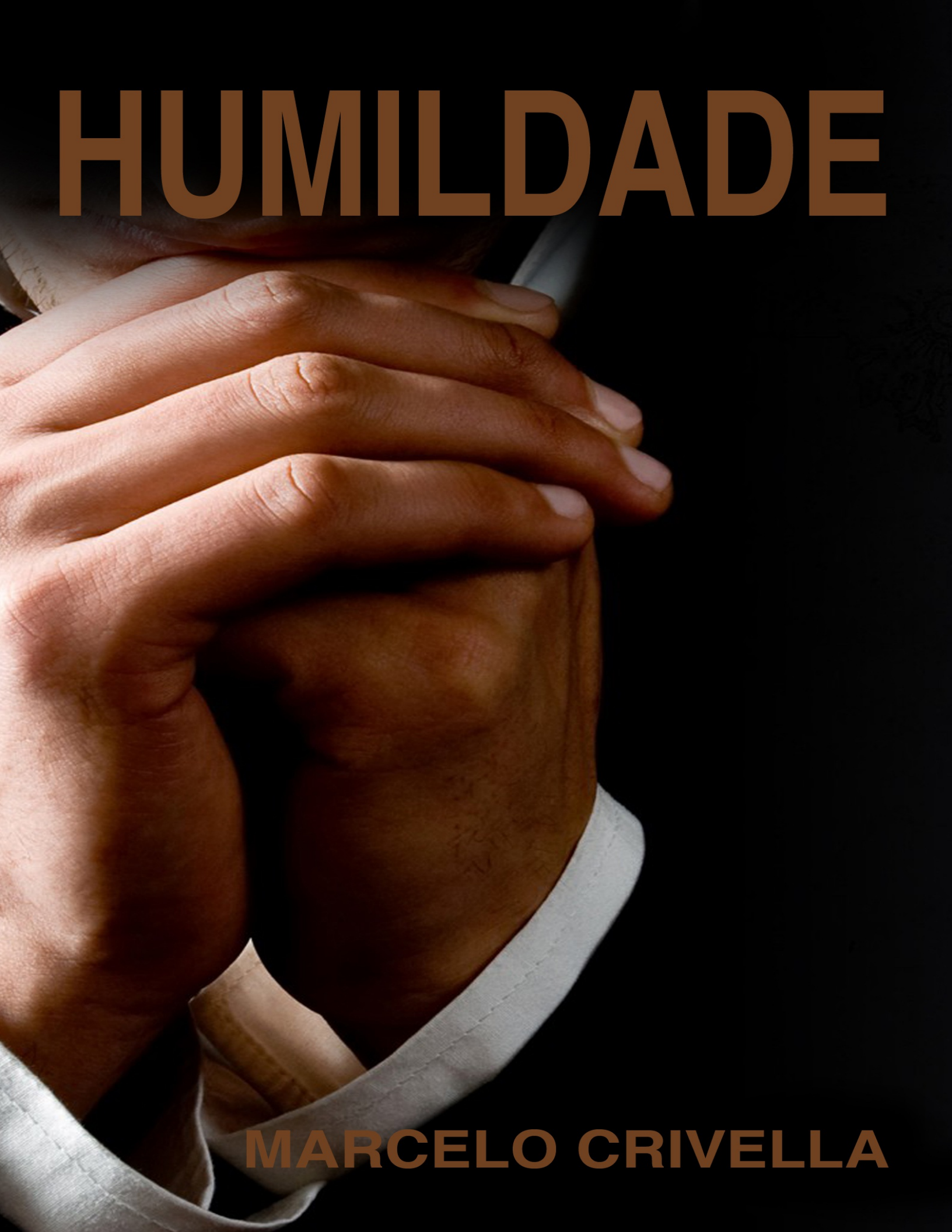


HUMILDADE



MARCELO CRIVELLA

“Tomai sobre vós o meu jugo e
aprendei de mim, porque sou manso
e humilde de coração; e achareis
descanso para a vossa alma.”

Mateus 11.29

PREFACIO

“Ninguém se faça árbitro contra vós outros, pretextando humildade e culto dos anjos, baseando-se em visões, enfatuado, sem motivo algum, na sua mente carnal,”

Colossenses 2.18

A humildade exerce um papel fundamental na vida do homem e da mulher de Deus. Qualidade tão procurada só pode ser adquirida através da comunhão com Deus e da Pessoa do Espírito Santo.

Neste livro, o bispo Marcelo Crivella mostra ao leitor, de uma maneira clara, objetiva e rica em exemplos bíblicos, o perigo do orgulho totalmente oposto à humildade, a diferença da humildade da mente e do coração, o caminho da vitória, entre outros assuntos de suma importância para a vida espiritual de todo cristão.

A preocupação de Deus em manter o homem distante do orgulho é um dos temas principais deste livro, que vai desde a origem do orgulho e todos os males causados por este, até o maior exemplo de humildade que o mundo já conheceu: Jesus Cristo. Este livro é também um alerta aos que talvez estejam sendo enganados pelas armadilhas do diabo.

É importante ressaltar que esta obra não é fruto de intensos estudos teológicos, mas de anos de vida pastoral dedicados àqueles que sofrem. Leia-o com a Bíblia ao lado, procurando tirar o máximo proveito dos ensinamentos contidos nele e principalmente praticando-os em sua vida.

Os editores

O PERIGO DO ORGULHO

A Bíblia nos ensina, segundo o livro de Ezequiel, capítulo 28, a respeito de um anjo chamado Lúcifer. Ele, até então anjo de luz, foi criado como sinete da perfeição, cheio de sabedoria e formosura. Estava no Éden, jardim de Deus, e de todas as pedras preciosas se cobria. Era o querubim da guarda ungido, permanecia no monte santo de Deus e andava no brilho das pedras preciosas.

Era perfeito até que o orgulho se criou no seu coração. Por causa da sua formosura ficou orgulhoso e do seu resplendor corrompeu a sabedoria. Assim, foi derrotado e lançado por terra.

Pela multidão das suas iniquidades e injustiça do seu comércio, profanou seus santuários. Por isso, Deus fez sair de dentro dele um fogo que o consumiu e o reduziu a cinzas.

O orgulho que se criou no coração do anjo Lúcifer foi, portanto, o primeiro pecado e pai de todos os demais. Causou a ruína do então anjo de luz, que, por causa de sua formosura elevou-se no seu coração. Completamente cego, ele lutou contra Deus pelo domínio da Criação.

A Bíblia assinala:

“...Assim diz o Senhor Deus: Visto que se eleva o teu coração, e dizes: Eu sou Deus, sobre a cadeira de Deus me assento no coração dos mares, e não passas de homem e não és Deus, ainda que estimas o teu coração como se fora o coração de Deus”

Ezequiel 28.2

Veja, caro leitor, que o orgulho é a gênese de todos os males, pois surgiu com o diabo quando ainda era um anjo de luz. Sua perfeição e sabedoria criaram nele um orgulho tão terrível que o cegou totalmente, levando-o a crer que era como Deus.

Foi, então, o orgulho de si mesmo o primeiro pecado encontrado na Criação de Deus; dele vieram todos os outros.

Quando o orgulho dominou o coração de Lúcifer, fez com que ele imaginasse que enfrentando Deus poderia ser como Ele, despojando-O de Seu trono para dominar a Criação.

Se observarmos com cuidado a armadilha do diabo, na qual caíram nossos primeiros pais no Jardim do Éden, concluiremos que Satanás engendrou para Adão e Eva uma tentação idêntica a que ele mesmo havia caído, ou seja, o orgulho de ser como Deus:

“Então, a serpente disse à mulher: É certo que não morrereis. Porque Deus sabe que no dia em que dele comerdes se vos abrirão os olhos e, como Deus, sereis conhecedores do bem e do mal.”

Assim, encontramos o pecado do orgulho como origem daquela multidão de iniquidade da qual fala Deus, conforme está escrito em Ezequiel 28.18.

O diabo queria ser tal qual Deus, pois em seu coração se julgava como Ele. Ao apresentar o fruto-proibido a Adão e Eva, prometeu-lhes implicitamente que seriam como Deus. A mulher comeu e deu a seu marido e assim perderam a presença de Deus, vindo, portanto, a morrer.

Nossos pais em nossa origem humana eram sábios e perfeitos, possuidores de livre-arbítrio, mas pecaram naquele momento, porque foram cegados pelo orgulho de querer ser como Deus.

O sentimento do orgulho no coração cega os mais sábios e entendidos. Nasce de dentro do coração uma admiração exagerada por si mesmo, um desejo de ser exaltado, reclamando a glória deste mundo por todos os meios.

Ninguém deve ser culpado pelas atitudes de uma pessoa orgulhosa, já que a própria pessoa, julgando-se acima de todos os outros, só pensa no próprio benefício e esquece-se do irmão ao lado.

Quem tentou o diabo ou o induziu a pecar? Quem lhe ensinou o orgulho ou em que se inspirou para se tornar obstinado contra Deus?

Antes dele não havia diabo, nem pecado, nem tentação. Ele é a fonte do orgulho, o pai da mentira e o princípio de todos os males. Portanto, o orgulho é algo que nasce no coração do ser humano e vem de dentro para fora.

A Bíblia relata que, como punição, Deus fez com que um fogo saísse de dentro do então anjo Lúcifer e o consumisse até que se tornasse cinzas.

O orgulho surgido no coração do homem é como esse fogo a consumi-lo dia e noite. Faz com que esteja sempre à procura da glória dos homens para satisfazer sua necessidade de ser elogiado, admirado, enfim, exaltado.

Foi por isso que, ao punir o anjo Lúcifer, Deus fez um fogo sair de dentro dele, conforme diz a Bíblia:

“eu, pois, fiz sair do meio de ti um fogo, que te consumiu, e te reduzi a cinzas sobre a terra, aos olhos de todos os que te contemplam.”

Ezequiel 28.18

O fogo ardendo dentro do diabo era o castigo pelo orgulho, representando este sentimento que arde dentro daquele que exalta a si mesmo em busca da glória deste mundo.

O orgulho é como um fogo queimando sem parar no coração da pessoa que reclama sua glória, pois não vê limites para obtê-la. Mente, rouba, engana, prostitui-se, corrompe, faz de tudo para atender às demandas de seu orgulho.

A profecia de Ezequiel retrata essa situação como se a pessoa orgulhosa fizesse comércio do orgulho, já que vende a própria alma para comprar a glória requerida pelo seu orgulho:

“Na multiplicação do teu comércio, se encheu o teu interior de violência, e pecaste...”

Ezequiel 28.16

Nessa multiplicação do comércio, o orgulhoso vende os amigos verdadeiros para comprar os falsos que, em troca de promessas vãs, deixam se seduzir pela ilusão de suas ambições.

Assim fez o anjo Lúcifer no Céu, ao conquistar um terço dos anjos para lutar com ele contra Deus. Desenvolveu seu comércio de corrupção, seduzindo anjos menores que ele e, certamente, plantou o mesmo orgulho que criara no seu coração.

Os que o aceitaram e seguiram tornaram-se demônios, os quais ele arrastou em sua cauda quando foi atirado do Céu:

“Viu-se, também, outro sinal no céu, e eis um dragão, grande, vermelho, com sete cabeças, dez chifres e, nas cabeças, sete diademas. A sua cauda arrastava a terça parte das estrelas do céu, as quais lançou para a terra; e o dragão se deteve em frente da mulher que estava para dar à luz, a fim de lhe devorar o filho quando nascesse. Houve peleja no céu. Miguel e os seus anjos pelejaram contra o dragão. Também pelejaram o dragão e seus anjos; todavia, não prevaleceram; nem mais se achou no céu o lugar deles.

E foi expulso o grande dragão, a antiga serpente, que se chama diabo e Satanás, o sedutor de todo o mundo, sim, foi atirado para a terra, e, com ele, os seus anjos.”

Apocalipse 12.3,4,7-9

O orgulhoso jamais se arrepende nem reconhece seus erros, é insubordinado, não respeita ninguém, faz intriga para destruir qualquer pessoa que lhe faça oposição, pois é terrivelmente ciumento.

Outro aspecto a ser considerado é que o maldito orgulho, a partir de um certo ponto, é difícil de ser anulado, tornando-se sem volta e sem solução.

Se Deus pudesse, de alguma forma, reeducar o orgulhoso, certamente que teria feito isso com Lúcifer. Assim, teria poupado o mundo de tantas doenças, guerras, crimes e toda sorte de maldições, e também, é claro, o sacrifício de nosso Senhor Jesus Cristo, o qual por amor levou nossas maldições sobre a cruz.

Mas isso não aconteceu. Lúcifer se tornou irrecuperável, o orgulho cresceu de tal maneira que nada mais se podia fazer.

O orgulho cega realmente o entendimento do mais sábio dos homens. Quem ostenta esse sentimento não aceita, em hipótese nenhuma, qualquer tipo de repreensão, conselho ou instrução.

É como uma ladeira de mão única que leva a pessoa à perdição, sem que jamais se dê conta disso. É

o mais enganador de todos os pecados.

Não foi assim com Judas Iscariotes?

Lembra-se, caro leitor, que o Senhor Jesus fez de tudo para salvá-lo, mas ele, tal qual um cego, nada podia ver.

Às vésperas de Sua crucificação, reunido com Seus discípulos, o Senhor abertamente advertia-os sobre um que estava para trai-Lo. Os discípulos, humildes, começaram a se entristecer pelo temor de ser um deles o traidor.

Tentando salvar Judas, o Senhor o avisou sobre o traidor. Porém, Judas respondeu: “*Acaso sou eu, Mestre?*” (Mateus 26.25). Imagine quão orgulhoso é o coração daquele que, advertido pelo próprio Senhor, ainda assim, não busca o arrependimento. Note a diferença entre Judas e os demais.

O bispo Macedo costuma dizer: “Assim como Deus precisa de um coração humilde para trabalhar, o diabo precisa de um orgulhoso”.

Vendo Jesus que nada mais podia fazer por Judas, visto que seu coração era orgulhoso, despediu-o com uma das mais tristes frases da Bíblia: “...*O que pretendes fazer, faze-o depressa...*” (João 13.27).

Saindo Judas, reuniu-se com os principais sacerdotes e estes aceitaram pagar por Jesus trinta moedas de prata.

Ora, certamente o diabo havia convencido Judas de que poderia ganhar esse dinheiro sem problemas. Sendo Jesus tão querido, o próprio povo não permitiria que Lhe fizessem nenhum mal. Ademais, nenhum pecado havia n’Ele para condenação, e no momento que levasse os soldados poderia disfarçar sua traição com um beijo.

Assim, ele conduziu os soldados que prenderam o Senhor. Na manhã seguinte, quando acordou, viu o povo nas ruas a crucificá-Lo. O desespero invadiu sua alma. Só agora podia ver que havia sido usado pelo diabo em troca daquelas malditas trinta moedas.

Judas tinha mulher e filhos, amigos e parentes, mas ninguém podia aliviar o fogo que lhe queimava por dentro. Tentando encontrar paz, voltou para devolver as moedas e as lançou sobre o templo. Era tarde demais. Saindo, enforcou-se, lançando-se no inferno onde está até hoje.

Por que não ouviu a voz do Senhor? Por que não entendeu que era o diabo que o usava?

Orgulho cega!

“o orgulho é a gênese de todos os males, pois surgiu com o diabo quando ainda era um anjo de luz.”

HUMILDADE DA MENTE E DO CORACAO

A humildade que buscamos ao estudar estes capítulos é aquela, é claro, que vem do Espírito Santo como um fruto de Sua presença em nossas vidas.

Há dois tipos de humildade: a da mente e a do coração. Quando falamos da humildade da mente, referimo-nos àquela que acontece fora do coração, isto é, a humildade por qualquer interesse ou medo. Esse tipo de humildade é a que mais vemos no mundo, porém, não tem valor diante de Deus.

Por exemplo: um funcionário costuma ser humilde diante de seu superior, especialmente quando está diante dele; isso necessariamente não quer dizer que se trata da humildade do coração. Mas se aquele mesmo funcionário é humilde com os que estão abaixo dele, não porque espera deles qualquer recompensa, mas porque os ama e os respeita como irmãos iguais diante de Deus, não se considerando superior a eles em nenhuma instância, então, certamente que seu coração é bom.

A humildade da mente é circunstancial, usualmente provocada pelo interesse de se obter alguma coisa, seja favor ou piedade.

Um criminoso, quando é capturado, se mostra o mais humilde dos homens para provocar compaixão-à autoridade que o prendeu. Se obter a liberdade e estiver portando uma arma, numa situação de vantagem, seu coração se mostrará como realmente é, e ele praticará o crime novamente.

Quando uma moça ama um rapaz, quer casar-se com ele e vai à casa da futura sogra, é a mais humilde do mundo. Porém, talvez, amanhã, quando já estiver casada, desprezará sua sogra, porque aquela humildade era somente na mente.

A humildade da mente é só de aparências, dura pouco porque é falsa e logo mostrará sua verdadeira face, especialmente se a pessoa obtém o que queria ou prospera no seu intento.

Já a humildade proporcionada pelo Espírito Santo acontece no coração da pessoa, revelando-se como um profundo sentimento que reconhece quão miseráveis somos, independentemente do que venhamos a possuir. Esse tipo de humildade faz com que a pessoa entenda a sua condição de miserável pecador, servo inútil diante de Deus; não melhor que ninguém.

Esse sentimento torna-se espontâneo dentro do seu coração, sua postura não muda mesmo que venha a ser honrado. Em qualquer situação, mantém-se o mesmo servo fiel.

Essa humildade é completamente diferente da que ocorre só na mente, pois nesta a pessoa está convencida de que precisa ser humilde para obter aquilo que deseja ou para superar uma situação.

Na humildade do coração, a pessoa reconhece sua pequenez diante de Deus e dos homens; e quanto mais a pessoa cresce, mais se torna humilde diante de Deus e dos homens.

Mas a humildade da mente, ao contrário, é utilizada para que a pessoa atinja o seu objetivo, tornando-se orgulhosa a partir de então.

O dedicado apóstolo Paulo, que tantas lutas enfrentou em seu ministério, considerava-se o maior dos pecadores.

Veja, amigo leitor, que quanto mais perto da luz estamos, mais vemos nossas sujeiras. Mas o oposto é também verdade: quanto mais longe da luz, menos vemos quão sujos estamos.

O orgulhoso que utiliza seu discurso para enaltecer suas qualidades é apenas alguém longe da luz, que não consegue ver a própria sujeira.

A humildade da mente busca a glória humana, enquanto a do coração busca a glória para Deus.

Como um lobo que se veste de cordeiro, assim é o orgulho da mente vestido de humildade, que vê o homem e as circunstâncias; já a humildade do coração vê somente Deus.

O joio se parece com o trigo quando pequeno, da mesma forma que o humilde de mente se parece com o humilde de coração. Por outro lado, o joio se diferencia do trigo quando cresce, assim como o humilde de mente se diferencia do humilde de coração, dependendo da circunstância em que estejam.

O humilde de mente aceita a glória desse mundo, assume os elogios que recebe como seus de direito e, ainda que diga não, no seu interior exalta a si mesmo. É o orgulhoso esperando uma chance, nunca aceitando seu erro. Cala-se no momento, mas se retira em seguida, consolando-se no seu coração de que estava com a razão e foi injustiçado. O humilde de mente gosta de mostrar aos homens que é humilde e se deleita nos elogios.

O que o separa do orgulhoso é apenas a oportunidade, pois o humilde de mente é capaz dos maiores esforços para obter elogios e, quando os recebe, ainda que diga não, aceita-os no coração. Gosta de ser notado pelos homens, não pelos bens que possui, mas por sua “humildade”.

O humilde de mente às vezes engana até a si mesmo, pensando que não precisa buscar no Senhor a humildade, por já se considerar humilde e, portanto, digno de todas as bênçãos, porém jamais enganará a Deus. A humildade da mente é uma doença do espírito.

O humilde de coração, no entanto, jamais se exalta, ainda que receba a maior das honras, e aceita sinceramente a repreensão do justo, pois se regozija em aprender. Coloca tudo o que faz diante de Deus e não confia na força dos homens ou na do seu próprio braço.

“O orgulhoso que utiliza seu discurso para enaltecer suas qualidades é apenas alguém longe da luz.”

REI SAUL E REI DAVI

A história dos primeiros reis de Israel nos mostra com clareza o sucesso que provém da humildade e a desgraça do orgulho.

Quando Deus planejou criar uma nação para através dela influenciar o mundo, parece que, primeiramente, Se preocupou em tirar do coração de todos o orgulho.

Por quatrocentos anos, os israelitas foram peregrinos no Egito e, na maior parte do tempo, escravos. Estes não têm razão de ter orgulho, visto que não têm direitos. São discriminados por seus donos que, mais sábios e desenvolvidos, tratam-os apenas como um utensílio.

Sequer era lícito aos egípcios comerem pão com os hebreus, porquanto para eles isso era abominação. A cada instante da vida no Egito, a diferença era marcante entre servos e senhores.

Essa nação de escravos era a escolhida de Deus. Naquele instante de humilhação nacional, Ele encontrou o coração quebrantado que precisava para poder agir.

O mesmo aconteceu com o líder deles. Moisés foi levado do palácio para o deserto, onde ficou esquecido por quarenta anos. Era apenas pastor de ovelhas, que nem sequer lhe pertenciam, pois trabalhava para o sogro.

Note, leitor, que o mais importante diante de Deus, para que venha a Se manifestar na vida do ser humano, é o coração humilde e quebrantado.

Quando deixaram o Egito e conquistaram a Terra Prometida, os israelitas pediram ao profeta Samuel – que os guiava espiritualmente naquele tempo – um rei.

Ora, Deus sabia o perigo que representava para um homem o poder de reinar sobre outros. O orgulho poderia corrompê-lo e levar o reino a grandes destruições.

Na verdade, nunca foi a vontade de Deus constituir um rei em Israel, visto que o coração deste diante do poder poderia se encher de orgulho. A imagem do rei que Deus tinha para o Seu povo era completamente oposta à dos reis deste mundo.

O Rei e Redentor de Israel, preparado por Deus, era Jesus, que se manifestaria como o Rei humilde, conforme a profecia:

“Alegra-te muito, ó filha de Sião; exulta, ó filha de Jerusalém: eis aí te vem o teu Rei, justo e salvador, humilde, montado em jumento, num jumentinho, cria de jumenta.”

Zacarias 9.9

Ao atender o pedido do povo por um rei, o que notamos é o cuidado de Deus em escolher alguém que viesse das mais baixas camadas, para que o risco de que viesse a sentir orgulho fosse menor.

Reconhecendo não ter mérito algum, o homem saberia que alcançou o trono pela graça e misericórdia de Deus, por isso Saul foi escolhido.

A Bíblia Sagrada relata que ele havia deixado a casa de seu pai à procura de umas jumentas que haviam-se extraviado e por três dias as procurava.

Como não encontrava os animais, procurou o profeta Samuel, a quem Deus já havia revelado que era Saul o escolhido para reinar sobre seu povo. Quando Saul ouviu de Samuel que Deus o havia escolhido, não pôde acreditar e disse:

“Então, respondeu Saul e disse: Porventura, não sou benjamita, da menor das tribos de Israel? E a minha família, a menor de todas as famílias da tribo de Benjamim? Por que, pois, me falas com tais palavras?”

1 Samuel 9.21

Benjamim era o filho mais novo de Jacó, cuja mãe, Rachel, falecera logo após seu nascimento. E, dentre todas as tribos, inclusive as originadas pelos seus onze irmãos mais velhos, a de Benjamin era a menor.

Ora, além de benjamita, Saul era também da menor família entre todas as daquela tribo. Isso significa dizer que, se colocássemos todos os homens de Israel em fila, pela importância de suas ascendências, Saul seria um dos últimos.

O cuidado de Deus era em preparar alguém cujo coração fosse humilde pela sua própria origem. Por isso, escolhera Saul entre os últimos para que este não viesse a se exaltar diante do Senhor, mas O servisse com gratidão e de todo o coração.

O dia de sua coroação foi a prova concreta de que Saul se tornava rei pelo favor de Deus e não por seus méritos.

Tudo aconteceu quando o profeta Samuel convidou todo o povo para prostrar-se diante do Senhor, em Mispá, e diante deles lançou sorte entre as doze tribos de Israel, vindo recair sobre a tribo de Benjamim.

Apesar da sorte ser lançada a todas as famílias de Benjamim, acabou recaindo sobre a de Saul. Finalmente, lançou-se sorte sobre os homens dessa família, mas recaiu em Saul.

Quando, porém, procuraram-no em meio à multidão não o puderam encontrar.

Oraram novamente ao Senhor para saber se Saul estava ali, ao que o Senhor respondeu: “...*Está aí escondido entre a bagagem.*” (1 Samuel 10.22).

Estava escolhido o primeiro rei de Israel! Assim foi coroado o primeiro rei de Israel, que, por ser

extremamente simples, se escondeu na bagagem, pois não se sentia em condições de tão grande responsabilidade.

Em toda a Bíblia, encontramos o Senhor, nosso Deus, buscando os Seus escolhidos entre os mais simples de todo o povo. Lembremos que a grande preocupação de Deus é com o nosso coração. O orgulho, a exaltação e o louvor a si próprio são como uma arma que faz o homem se destruir com as próprias mãos.

Deus não estava preocupado em escolher o mais forte, o mais bonito, ou o mais inteligente. Não, absolutamente! O importante é o coração do homem ser humilde.

O mais forte pode se encantar com sua força, o mais bonito com a sua beleza, o mais inteligente com a sua sabedoria, e assim fazer como fez o diabo em sua rebelião.

Saul, então, começou a reinar sobre Israel; era aceito por todo o povo, com exceção dos filhos de Belial, que o desprezavam.

Assim que se tornou rei, Deus começou a abençoá-lo para confirmar seu reinado, dando-lhe vitória sobre as tropas de Amom, quando estas sitiaram Jabes-Gileade.

E essa primeira vitória foi tão grande, que o povo procurou Samuel para matar os filhos de Belial, que antes haviam desprezado o rei Saul. Este, porém, disse: “ *Hoje, ninguém será morto, porque, no dia de hoje, o Senhor salvou a Israel.* ” (1 Samuel 11.13).

Dessa maneira, Saul demonstrava diante de Deus o quanto seu coração era bom. Nem tanto por salvar os filhos de Belial, mas porque reconheceu que o Senhor havia dado a vitória a Israel. Com o passar do tempo, o coração de Saul foi mudando.

No segundo ano do seu reinado, os filisteus reuniram-se para lutar contra Israel; eram trinta mil carros, seis mil cavaleiros e o povo, uma multidão como a areia do mar.

O povo de Israel se encheu de temor, mas Deus teve compaixão de Saul, e, através de Jônatas, seu filho, deu a Israel grande vitória.

Saul, contudo, cometeu seu primeiro grave erro ao oferecer o holocausto da vitória sem esperar pelo profeta Samuel, que deveria oferecê-lo, uma vez que este era sacerdote.

O povo de Israel, antes de sair para enfrentar seus inimigos, oferecia sacrifícios a Deus. Esses sacrifícios traziam a certeza de que o Senhor lutaria ao lado deles, e que, terminada a luta, a vitória viera do Senhor. Assim, o povo se mantinha com o coração humilde.

O Senhor abençoou Saul e lhe deu vitória em todas as suas lutas. Venceu Moabe, os filhos de Amon, Edom, os reis de Zobá e os filisteus. Mas parece que todas essas vitórias foram mudando o coração de Saul, que já não era mais de quem reconhecia ter vindo dentre os menores ou daquele que se escondeu na bagagem por reconhecer não ter condições para ser rei.

Na guerra contra Amaleque recebeu ordem pessoal do profeta Samuel para que matasse todos os

amalequitas, não poupando ninguém, inclusive todo o rebanho de ovelhas, jumentos, bois e camelos. Entretanto, Saul e o povo, após terem derrotado aquele inimigo, pouparam o rei Agague, o melhor das ovelhas e dos bois, os animais gordos, e os cordeiros. O que havia de melhor não quiseram destruir totalmente.

Então, veio a palavra do Senhor a Samuel, dizendo:

“Arrependo-me de haver constituído Saul rei, porquanto deixou de me seguir e não executou as minhas palavras. Então, Samuel se contristou e toda a noite clamou ao Senhor.”

1 Samuel 15.11

Saul estava no monte Carmelo festejando sua vitória, onde levantou até mesmo um monumento para si. (1 Samuel 15.12).

Veja como mudou o coração daquele homem, que se glorificava agora por algo que Deus tinha feito.

Quando o profeta Samuel veio a Saul, anunciou sua rejeição diante dos olhos de Deus e, naquele dia, ele perdeu sua unção de rei de Israel. Mantinha ainda o trono, a coroa e o título, contudo a presença de Deus já não estava com ele.

Disse Samuel a Saul:

“Porque a rebelião é como o pecado de feitiçaria, e a obstinação é como a idolatria e culto a ídolos do lar. Visto que rejeitaste a palavra do Senhor, ele também te rejeitou a ti, para que não sejas rei.”

1 Samuel 15.23

Saul tinha caído na armadilha que mais destrói o homem: o orgulho. Tornou-se vítima de si mesmo, como o anjo Lúcifer, de quem de dentro saiu fogo que o reduziu a diabo.

Veja como mudou a vida do rei Saul: sem a presença de Deus passou a ser atormentado por um espírito maligno (1 Samuel 16.14).

Temeu muito Golias, o gigante filisteu que o pequeno Davi veio a derrotar (1 Samuel 17.11), encheu-se de raiva e ciúme para matar Davi com uma lança, porém este se desviou dele duas vezes.

Mandou matar oitenta e cinco sacerdotes do Senhor e também todos que viviam na cidade: homens e mulheres, meninos e bebês, bois, jumentos e ovelhas. Desterrou os médiuns e os adivinhos e consultou-se com uma médium em Endor.

Perdeu a batalha para os filisteus, que mataram seus três filhos. No mesmo dia, Saul se atirou sobre sua espada e se suicidou.

Que fim terrível teve o primeiro rei de Israel! Escolhido quando ainda era pequeno, não manteve, entretanto, seu coração simples diante de Deus. Orgulhou-se e abandonou Deus, cometendo o primeiro suicídio relatado na Palavra de Deus.

Em seu lugar, veio o rei Davi, que também era de origem humilde e pastor de ovelhas. No entanto, seu coração era especial diante de Deus. Ainda que tenha sido exaltado perante seus irmãos, quando foi escolhido por Deus para ser ungido por Samuel.

Isso aconteceu porque Deus lhe deu vitória contra o gigante Golias diante de todo o amedrontado exército de Saul, mas seu coração era humilde diante de Deus e obediente e fiel ao rei Saul, que procurava matá-lo sem nenhuma razão. Apenas odiava-o com ciúme mortal. Tinha inveja por Davi ter sido abençoado por Deus. Davi amava e respeitava Saul, e, por duas vezes, teve oportunidade de matá-lo, contudo não ousou tocar naquele que Deus havia ungido.

Quando soube da morte do rei Saul e de seus filhos, Davi e seus homens choraram e jejuaram até a tarde.

O coração de Davi estava limpo diante de Deus. Nenhum ódio havia contra o rei, que tão injustamente lhe perseguira. Um coração humilde, que sentia compaixão e respeito pelo rei morto.

Davi tornou-se rei em Judá e depois em toda Israel. Conquistou a fortaleza de Sião, que é Jerusalém, a qual veio a se chamar a Cidade de Davi. De posse da cidade, tratou de levar para lá a arca de Deus, construída na época de Moisés.

No trajeto, Davi vinha dançando com todas as suas forças diante da arca, juntamente com todo o povo, oferecendo sacrifícios e ofertas pacíficas ao Senhor.

Mical, filha do falecido rei Saul e esposa de Davi, vendo-o dançar com o povo, desprezou-o no seu coração. Disse, porém, Davi a Mical: *“Ainda mais desprezível me farei e me humilharei aos meus olhos...”* (2 Samuel 6.22).

Mical, castigada por Deus, não teve filhos até a sua morte. Agora, rei sobre toda Israel, Davi continuava tendo o mesmo coração humilde diante de Deus. Aprendeu, com o exemplo de Saul, que o coração orgulhoso é uma grande armadilha destruidora até mesmo dos reis.

Quando Deus fez aliança com Davi, sua oração mostrou um coração completamente diferente do de Saul: *“...Quem sou eu, Senhor Deus, e qual é a minha casa, para que me tenhas trazido até aqui?”* (2 Samuel 7.18).

A humildade do coração de Davi foi a sua força diante de Deus em todos os dias de sua vida. Ainda quando pecou, cometendo adultério com Bate-Seba, alcançou o arrependimento por ter seu coração livre do orgulho.

Deus o abençoou sobremaneira, e a seu filho Salomão deu forças e sabedoria para construir o Templo de Deus, conforme havia prometido a Davi em aliança.

Assim, os dois primeiros reinados de Israel mostram, na sua totalidade, a grande questão da alma humana diante do Senhor Criador. O coração orgulhoso e o coração humilde.

O rei Saul foi miseravelmente derrotado, porque não guardou o seu coração. O rei Davi venceu pelo

coração que tinha diante de Deus. Diz a Palavra de Deus: “*Sobre tudo o que se deve guardar, guarda o coração, porque dele procedem as fontes da vida.*” (Provérbios 4.23).

“Importante diante de Deus, para que venha a Se manifestar na vida do ser humano, é o coração humilde e quebrantado.”

BATISMO DE HUMILDADE

Num mundo de tantos reis e reinos, um dia Se manifestou o Rei dos reis. O nosso Senhor Jesus Cristo mostrou, em cada palavra de Seu Evangelho, em cada gesto de Seu ministério, a força do Criador em Sua profunda humildade de coração.

Por isso mesmo, foi rejeitado por muitos que não conseguiam vê-Lo na figura de um rei, já que andava entre os pobres, vestia-Se de maneira simples, não acumulava riquezas e jamais aceitou a glória do mundo, conforme nos atesta a Bíblia Sagrada:

“Ele estava no princípio com Deus. Todas as coisas foram feitas por intermédio dele, e, sem ele, nada do que foi feito se fez.”

João 1.2,3

O Senhor Jesus, nascido de uma virgem na tribo de Judá situada na cidade de Belém, a mesma onde teve origem o rei Davi, manifestou-Se no mundo em cumprimento a todas as profecias que O anunciaram desde o tempo de Moisés.

Quando lemos a Bíblia, entendemos que todos os 66 livros que a compõem se completam harmoniosamente em torno do Salvador dos homens, isto é, de Jesus, embora tenham sido escritos por diferentes autores em épocas distintas.

É evidente que todos os autores foram inspirados pelo mesmo Espírito de Deus. Era com Ele que nosso Pai e Criador conversava, quando disse por ocasião da Criação: “...*Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança...*” (Gênesis 1.26).

Sendo Jesus perfeito e o primogênito de toda a Criação, era o único que poderia cumprir a exigência requerida pela justiça de Deus e pagar o preço da morte que nossos pecados mereciam, ou seja, morrer em nosso lugar e voltar à vida.

Quando Deus criou o mundo, sabia claramente que Sua criatura viria a pecar. Sendo Deus perfeito, jamais poderia ter comunhão com Sua criatura pecadora, estando esta ainda no pecado. A morte representa exatamente isso: não ter comunhão com Deus. E para a morte foi o homem quando pecou, perdendo a comunhão com Ele.

Creio que, se Deus aceitasse o pecado, quebraria os princípios de justiça pelos quais existe. Quebrada a Sua justiça, estaria quebrada a própria existência d’Ele. Ora, Deus é perfeito e para sempre subsiste perfeição de amor e justiça.

É por isso que não há comunhão entre a luz, que é Deus, e as trevas, que é o pecado ou o pecador.

Desde a criação do mundo, portanto, Deus estabeleceu a lei de que a alma que pecar morrerá, isto é, a alma que pecar perderá a comunhão com o Mestre.

Sendo pecadores e tendo contra nós a lei de Deus, a pena de morte que nos cabia foi colocada em Jesus.

No Getsêmani, Jesus foi entregue nas mãos dos pecadores para pagar o preço do nosso pecado, quando disse: “...*A minha alma está profundamente triste até à morte...*” (Mateus 26.38).

Suando sangue, pediu a Deus que afastasse d’Ele aquele cálice, então ficou privado da comunhão com Deus e com o Espírito Santo, e assim começava a Sua morte.

A partir daquele momento e durante todas as seis horas em que passou na cruz, Jesus estava só, longe de Deus e do Senhor Espírito Santo. Pela primeira vez, desfez-se a Santíssima Trindade.

Quão imensurável foi a dor do nosso Senhor, ao ser lançado na morte pelos nossos pecados!

Enganam-se os que pensam que o sacrifício de Jesus foi apenas físico. Maior ainda foi o sacrifício espiritual, a separação de Deus, a Sua ida até a segunda morte.

Jesus havia contado a respeito de um pobre homem chamado Lázaro, que mendigava à porta de um homem rico. Ao morrerem, o rico foi para o inferno e o pobre para o Céu. Do inferno, o rico clamava por Lázaro, pedindo água para molhar a ponta de sua língua, uma vez que o fogo lhe atormentava.

Foi então que Abraão, o qual consolava Lázaro, respondeu que entre eles havia sido colocado um grande abismo, de tal maneira que quem estava de um lado não podia jamais passar para o outro.

Creio que esse abismo é o que separa a morte da vida. O grande abismo representa a força de Deus para manter o certo afastado do errado, a luz longe das trevas, o perfeito longe do imperfeito. Creio também que esse abismo separa da presença de Deus todos os que estão do outro lado.

Naquela oração que Jesus fez no Getsêmani, as Suas palavras foram muito significativas, quando disse: “...*Pai, tudo te é possível; passa de mim este cálice...*” (Marcos 14.36).

Ora, o cálice a que Jesus se referia era a Sua morte espiritual, e não somente a morte física, o passar para o outro lado daquele abismo, de onde somente poderia voltar se fosse perfeito, sem nenhum pecado.

Todas as coisas são obviamente possíveis para Deus, tudo dentro do Seu Universo, ou seja, da presença de Deus. O outro lado do abismo simboliza o que está fora da Sua presença.

Quando Jesus disse “tudo é possível” (Mateus 19.26) e Deus não Lhe respondeu, o Senhor estava nos ensinando que o lugar para onde Ele iria estava fora de todas as coisas. De lá, o Senhor Jesus jamais voltaria se não fosse puro e perfeito, isto é, sem pecado algum.

Ressuscitar era a grande prova de que Jesus Cristo era verdadeiramente o Santo Filho de Deus. Por

isso, Jesus Se angustiou, pois sabia que não poderia contar com Deus ou o Espírito Santo no lugar para onde ia.

Deus nunca morreu, o Senhor Espírito Santo também não. Eles são a vida, a origem e o sustento de todas as coisas.

Mas Jesus teve de morrer e cruzar o abismo, para cumprir a justiça de Deus que requeria a punição do pecado.

Ele foi até lá por mim e por você!

Acredito que o Espírito Santo deixou Jesus exatamente no momento do Getsêmani. Ali foi o local e o momento da despedida, quando nosso Senhor rumava para a morte e então disse: “...*A minha alma está profundamente triste até à morte...*” (Marcos 14.34), e, enquanto orava, suava gotas de sangue.

Algum tempo antes, os fariseus pediram a Jesus um sinal, porém Ele respondeu que apenas o sinal de Jonas lhes seria dado, isto é, assim como Jonas esteve três dias e três noites no ventre do grande peixe, o Filho do Homem estaria três dias e três noites no ventre da morte.

Ora, tendo sido Jesus crucificado numa sexta-feira e ressuscitado no domingo, não totalizava as três noites que Ele havia profetizado. De sexta para sábado, uma noite; de sábado para domingo, duas noites; e a terceira noite?

Por isso, creio que a morte espiritual de Jesus, ou seja, a separação de Deus, ocorreu na quinta-feira à noite, quando, no Getsêmani, o Espírito Santo O deixou e assim Jesus foi entregue aos pecadores.

Quando os soldados, que acompanhavam Judas Iscariotes, se aproximaram para prender Jesus, Este lhes disse:

“Diariamente, estando eu convosco no templo, não pusestes as mãos sobre mim. Esta, porém, é a vossa hora e o poder das trevas.”

Lucas 22.53

Note que algo havia mudado. O Espírito Santo, que atuava movendo as multidões para vir a Jesus, como no caso do último domingo, quando o povo gritava: “...*Hosana! Bendito o que vem em nome do Senhor...*” (João 12.13), ou que havia revelado a Pedro, quando este disse: “...*Tu és o Cristo, o Filho de Deus.*” (Mateus 26.63), já não atuava mais. A hora agora era do poder das trevas.

A multidão gritaria: “...*Crucifica-o! Crucifica-o!*” (Lucas 23.21), e Pedro O trairia três vezes, abandonando-O, como fizeram todos os outros discípulos. Quando Jesus estava na cruz, Satanás e os demônios vieram para fazê-Lo cometer um pecado que fosse, e assim jamais ressuscitar ou voltar do outro lado do abismo.

Lá estava Jesus na cruz, só, sem Deus e sem o Espírito Santo. Por isso, Satanás achava que Ele não resistiria e pecaria.

Acredito que Jó possa ser comparado a Jesus, no episódio em que o diabo apregoeou que se lhe tirassem tudo o que tinha ele amaldiçoaria Deus. Jó, porém, sofreu fisicamente, e Deus estava todo o tempo com ele.

E Jesus estava só, completamente só. O diabo também acreditava que sem o Espírito de Deus e o próprio Deus, Jesus pecaria sob tamanha pressão.

Jesus foi cravado na cruz às nove horas da manhã e lá ficou até às três horas da tarde, cumprindo seis longas horas, quando então entregou Seu Espírito. Lembre-se de que Suas palavras na cruz foram: “...*Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?*” (Mateus 27.46).

Ele havia-nos ensinado a chamar Deus de Pai. A oração que nos ensinou era: “...*Pai nosso, que estás nos céus...*” (Mateus 6.9-13).

Agora, Ele O chamava Deus, mostrando que na cruz já não era mais o Filho de Deus, mas um simples homem que carregava os pecados de todos nós: os meus, os seus e os de todo mundo, sem direito de chamar Deus de Pai.

Gostaria de convidar o leitor para, juntos, estudarmos o salmo 22 – uma profecia feita pelo rei Davi, que há setecentos anos teve a revelação do que aconteceria com o Salvador na cruz.

Vamos estudar, versículo por versículo, este salmo que foi, na verdade, uma profunda profecia cumprida na cruz do Calvário.

Por favor, lembre-se de que o rei Davi anunciou estes fatos setecentos anos antes de acontecerem.

Note que, ao coração humilde de Davi, foram reveladas estas grandezas.

Entenda as palavras desta profecia como a oração que Jesus fez quando esteve pregado naquela cruz.
Salmos 22.1-18:

Versículo 1:

“Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?...”

Na cruz do Calvário, a Santíssima Trindade estava separada pela primeira vez desde a fundação do mundo. Jesus estava separado do Deus-Pai e do Deus-Espírito Santo. Lá, Jesus carregava nossos pecados e, por isso, Deus e o Senhor Espírito Santo estavam longe. Jesus chamou o Pai de Deus, mas por representar nossos pecados, a justiça de Deus O impedia de ouvi-Lo.

Versículos 1,2:

“...Por que se acham longe de minha salvação as palavras de meu bramido? Deus meu, clamo de dia, e não me respondes; também de noite, porém não tenho sossego.”

Aqui, as palavras do Senhor mostram a angústia que vivia pela distância de seu Pai e Deus: “...*Por que se acham longe...?*” Muitos poucos podem entender a dimensão da obra do Senhor Jesus na cruz

do Calvário. A inevitável distância de Deus-Pai e do Senhor Espírito Santo.

Deus existe como expressão da perfeição e da justiça a criar e sustentar todo o Universo, pois n'Ele não há sombra de relatividade. Se o próprio Senhor, que carregava não os próprios, mas os nossos pecados, não pôde ser salvo da punição da morte, imagine o pecador que não aceita a salvação em Cristo!

Versículos 3-5:

“Contudo, tu és santo, entronizado entre os louvores de Israel. Nossos pais confiaram em ti; confiaram,
e os livraste. A ti clamaram e se livraram; confiaram em ti e não foram confundidos.”

Jesus não questiona a justiça de Deus e O reconhece como Santo.

Nosso Senhor Se coloca como um mero judeu, referindo-Se aos patriarcas, tais como Abraão, Moisés ou Davi. Na cruz, Jesus chama de pais seus ancestrais físicos em Israel.

Versículo 6:

“Mas eu sou verme e não homem; opróbrio dos homens e desprezado do povo.”

A condição de Jesus na cruz era terrível, já que verdadeiramente a carregou com todos os pecados da Humanidade. Chamou-se de verme e não de homem. Além de tudo, foi profundamente desprezado e abandonado até pelos seus maiores amigos.

Versículos 7,8:

“Todos os que me vêem zombam de mim; afrouxam os lábios e meneiam a cabeça: Confiou no Senhor! Livre-o ele; salve-o, pois nele tem prazer.”

Assim fizeram os que vinham passando em frente à cruz do Senhor. Os que estavam presentes naquele acontecimento escreveram nos Evangelhos que um a um dos que iam passando, durante as seis horas que o Senhor esteve na cruz, zombavam de Sua situação. O fato de ter sido crucificado nu trouxe ainda mais vergonha ao Senhor.

Conforme todas as profecias da Bíblia Sagrada, Jesus era o Cordeiro Pascal que viria morrer pelos homens. Desde que o povo de Israel havia saído do Egito, no décimo quarto dia do mês de abibe, o primeiro do calendário judaico, comemorava-se a Páscoa.

Nessa festa, um cordeiro perfeito, sem manchas, era separado para ser sacrificado e comido, representando o Cordeiro que um dia Deus enviaria do Céu para ser sacrificado por nós.

Representando, portanto, o dia em que Jesus foi crucificado, a sexta-feira pascal. Às seis da tarde, iniciava-se o sábado do descanso, quando comeriam o cordeiro. Por quase dois mil anos, repetiu-se esse evento, o mais importante do calendário judaico.

Jerusalém estava repleta de judeus, romanos, gregos e autoridades no magnífico templo. O rei Herodes veio da Galiléia, as famílias preparavam o cordeiro que seria comido no dia seguinte. Toda a cidade estava ocupada.

Voltando à crucificação de Cristo, no alto do monte Calvário, sangrando e abandonado, o verdadeiro Cordeiro de Deus morria entre os ladrões.

Nenhuma daquelas pessoas podia entender que a feiúra do seu rosto, deformado pelos socos que levou, era na verdade a feiúra de cada um de nós. Também não entendiam por que Deus não podia socorrê-Lo se O amava tanto.

Versículos 9,10:

“Contudo, tu és quem me fez nascer; e me preservaste, estando eu ainda ao seio de minha mãe. A ti me entreguei desde o meu nascimento; desde o ventre de minha mãe, tu és meu Deus.”

Jesus medita no Seu nascimento milagroso do Espírito Santo e como Deus O havia guardado ainda bebê, quando teve de fugir de Herodes, juntamente com seus pais, para o Egito. Agora, entretanto, tudo era diferente e já não havia mais a proteção de Deus.

Versículo 11:

“Não te distancies de mim, porque a tribulação está próxima, e não há quem me acuda.”

Na cruz, Jesus disse que a tribulação estava próxima. Entendo, com isso, que a tribulação a qual Se referiu não era propriamente a cruz e todo o Seu sofrimento físico, mas o partir para o outro lado do abismo, como aconteceu na história de Abraão, Lázaro e o homem rico.

“*Não há quem me acuda*” – era a realidade de que a ressurreição de Jesus dependia somente d’Ele. Ninguém poderia ajudá-Lo. Ser perfeito e completamente sem pecado era a única condição para que pudesse vencer a morte e de lá voltar.

Por isso, Ele havia dito: “...*Destruí este santuário, e em três dias o reconstruirei.*” (João 2.19).

Versículos 12,13:

“Muitos touros me cercam, fortes touros de basã me rodeiam. Contra mim abrem a boca, como faz o leão que despedaça e ruge.”

Nesse ponto, Jesus Se referia ao diabo e seus demônios, que vieram ao redor da cruz para tentar de tudo, a fim de aumentar Seu sofrimento e de alguma forma fazê-Lo pecar.

Se transgredisse à Lei de Deus, uma vez que fosse, Ele jamais voltaria da morte e o plano de salvação do homem estaria definitivamente arruinado. Houve uma ocasião no ministério do nosso Senhor, creio, que marca profundamente esse momento.

Jesus estava muito cansado, mas ainda assim, chegada a tarde, partiu para o outro lado do Mar da

Galiléia num barco com seus discípulos.

Chegada a noite, dormia em meio à tempestade. Seus discípulos apavorados O acordaram para que acalmasse a tormenta e Ele assim o fez.

Na manhã do dia seguinte, chegaram ao outro lado. Dois homens, vindos dos sepulcros, que tinham em seus corpos uma legião de espíritos imundos, foram ao encontro de Jesus.

Quando o Senhor os expulsou e libertou aqueles pobres homens, cinicamente, os demônios pediram que lhes permitisse ficar naquele país.

Ora, o que estava implícito era um desafio. Sabiam que nosso Senhor um dia estaria sem o Espírito Santo e o próprio Deus, pregado na cruz do Calvário. Era como dissessem: “Hoje vences, mas no teu dia da cruz te venceremos”.

Sem temer, o Senhor os mandou para os porcos. Parece que logo voltaram a Sua presença nos corpos do povo daquela cidade, pois ao verem que os porcos tinham morrido no mar, nem sequer se maravilharam em ver os loucos curados ou se dispuseram a reconhecer Jesus. Pelo contrário, pediram que Ele deixasse suas terras. Nesse episódio, Jesus passou por uma cruel humilhação: o povo daquela cidade mostrou mais interesse nos porcos que n’Ele.

Como no fato descrito acima, agora os malditos demônios estavam ao redor da cruz para tentar derrotá-Lo.

Versículos 14,15:

“Derramei-me como água, e todos os meus ossos se desconjuntaram; meu coração fez-se como cera, derreteu-se dentro de mim. Secou-se o meu vigor, como um caco de barro, e a língua se me apegava ao céu da boca; assim, me deitas no pó da morte.”

Desde que Judas liderou a multidão para prender Jesus, por volta do pôr-do-sol de quinta- feira, cada momento que o Senhor passou nas mãos dos pecadores foi de muita dor.

Quando eles O levaram à casa de Caifás, o sumo sacerdote de Israel, o Sinédrio composto por setenta fariseus se reuniu para julgá-Lo, e assim que O consideraram culpado passaram a espancá-Lo.

Cedo, pela manhã, levaram-No a Pilatos. Este O enviou a Herodes que O mandou de volta a Pilatos. Por volta das oito horas, Jesus já estava exausto.

Quando foi julgado e a multidão gritava pedindo que O crucificassem, eles entregaram-No aos soldados romanos, que chicotearam, esmurram, cuspiram em Seu rosto e Lhe puseram a coroa de espinhos. Fizeram-No levar a cruz sobre as costas ensangüentadas até o Calvário, onde então o crucificaram.

Era certo que, pelo sangue perdido durante todas essas horas, estivesse Se sentindo derramado como água. A sede que o Senhor sentiu devia ser tremenda, devido ao sangue que perdeu. Se pediu água, foi porque sua língua se apegava ao céu da boca. Assim não conseguia falar com um dos ladrões que

estava ao seu lado, em quem Jesus viu condições de salvação.

Quando pediu água, deram-Lhe fel. Mesmo sabendo do que se tratava, tomou, para que, ainda que Lhe queimasse a boca, pudesse ter a língua solta para pregar ao ladrão que viria a se converter. Recebeu fel, porém, dele fez salvação!

Quando tiraram Jesus da cruz, um dos soldados O feriu com lança em Seu lado direito e logo jorrou sangue e água.

A causa da morte do Senhor na cruz foi exatamente a dor da separação de Deus, que Lhe rompeu o coração, que, conforme diz o texto: “derreteu-se dentro d’Ele.”

Rompido o coração, Seu peito encheu-se de sangue e água num grande derrame interno que, sob pressão, jorrou quando vazado pela lança.

Versículo 16:

“Cães me cercam; uma súcia de malfeitores me rodeia; traspassaram-me as mãos e os pés.”

Os cães aqui referidos são os estrangeiros romanos, os quatro soldados que compunham a escolta que O levou à cruz. Como no caso daquela mulher estrangeira, Siro Fenícia, a quem Jesus disse não poder tirar o pão dos filhos e o lançar aos cachorrinhos. Jesus usava o termo que identificava os não judeus daquela época.

Versículos 17,18:

“Posso contar todos os meus ossos; eles me estão olhando e encarando em mim. Repartem entre si as minhas vestes e sobre a minha túnica deitam sortes.”

Jesus possuía vestes e túnica. As vestes eram costuradas e foi fácil reparti-las. A túnica era inteira e sem costura, o que os levou a sorteá-la. Quando assim fizeram, não sabiam que setecentos anos antes esses fatos haviam sido anunciados.

Assim, o Senhor partiu para o outro lado do abismo, longe de Deus e do Senhor Espírito Santo.

Aquela sexta-feira era a Páscoa, uma solenidade comemorada pelos judeus há mais de dois mil anos. Às seis horas da tarde, começaria o Shabbat (dia do descanso), quando iriam participar do cordeiro pães asmos e ervas amargas.

Jerusalém estava cheia para a maior festa religiosa da época. O magnífico templo lotado: reis, estrangeiros, gregos e judeus de toda Israel. Nas casas, as famílias se preparavam para a grande ceia. Enquanto isso, o verdadeiro Cordeiro de Deus era deixado abandonado sobre a cruz, nu e sangrando.

Veja, caro leitor, que, enquanto cozinhavam o cordeiro para a Páscoa, o verdadeiro Cordeiro era abandonado na cruz. Isso é o resultado da religião, tradição dos homens.

Os que presenciaram aqueles fatos contam nos Evangelhos que aquele dia foi marcado por densas

trevas sobre a Terra, como se a própria natureza estivesse a sentir dores.

Parece que todo o universo espiritual estava silencioso e havia expectativa na Criação. Voltaria ou não aquele que sem Deus e sem o Espírito Santo desceu à profundidade da morte? Aquele que, ao morrer, gritava: *“Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?...”* (Salmos 22.1).

Seus discípulos estavam perdidos. A multidão de aflitos não sabia para onde ir. O vale do Jordão não via mais o Galileu caminhando com seus discípulos. Suas lindas palavras a consolar os pobres e a ensinar os pecadores não eram mais ouvidas. Não se tinha mais milagres para comentar nas portas das cidades.

Os reis, autoridades, religiosos, fariseus e escribas deram como certo que tudo acabara e Seu nome seria logo esquecido.

Ao terceiro dia, como havia dito, o Senhor rompeu a escuridão da morte, como o primeiro raio de sol rompe a noite trazendo a luz de um novo dia!

Ele havia vencido! Era perfeito e nenhum pecado n’Ele foi encontrado. Os grilhões da morte foram por Ele despedaçados!

O preço tinha sido pago para sempre! O diabo estava derrotado e nossa alma resgatada naquele grande amor que nunca vai acabar! Aleluia! Nosso Salvador venceu a morte!

Junto ao Seu túmulo estava Maria Madalena, uma mulher da qual Jesus havia expulso sete espíritos malignos.

Por três dias chorou, buscando ver o Mestre, ainda que morto. Tinha encontrado o túmulo vazio naquela manhã de domingo e, desesperada, sentou-se ao chão e pôs-se a chorar.

Nesse momento, Jesus Se aproximou por detrás dela e perguntou-lhe: *“Mulher, por que choras?...”* (João 20.15). Pensando que fosse o jardineiro, ela respondeu: *“...Senhor, se tu o tiraste, dize-me onde o puseste, e eu o levarei.”* (João 20.15). Foi quando Ele lhe chamou pelo nome de “Maria”. Quando voltou o seu rosto, reconheceu-O e saltou aos Seus pés com grande alegria, ao que o Senhor disse: *“...Não me detenhas; porque ainda não subi para meu Pai...”* (conforme João 20. 17).

Essa é a maior lição de humildade que jamais encontrei! Fico a pensar na grandeza do meu Senhor, após ter conquistado a vitória sobre a morte e tornar-Se o grande vencedor de todo o Universo, recebendo o nome acima de todos os nomes.

Antes de subir aos Céus para receber todo o louvor e adoração e sentar-Se à direita de Deus-Pai, encontrou tempo para revelar-Se à “pequenina” Maria, a quem livrara de tantos demônios. Foi ela, e não alguém importante, que recebeu o grande privilégio de vê-Lo antes de todos os demais.

Maria, por sua própria condição, jamais teria a honra de entrar num palácio neste mundo. No entanto, foi para ela que o nosso Senhor apareceu antes mesmo de ter subido ao Pai.

Toda esta obra grandiosa de nosso Senhor, que este livro narra uma pequena parte, começou com Seu

batismo de humildade no rio Jordão. Foi sobre a humildade daquele gesto, que Ele Se preparou para vencer a grande luta por nós.

Aos 30 anos, embora sem nenhum pecado, Jesus humildemente foi batizado por João Batista no mesmo batismo de arrependimento dos pecadores.

Jesus não tinha do que se arrepender. O próprio João Batista, quando O viu, negou-se a batizá-Lo, pois não se sentiu digno para isso.

Entenda, caro leitor, que Jesus assim agiu para Se humilhar diante de Deus e cumprir toda a justiça, submetendo-Se à direção d’Ele.

Dessa forma, Ele nos ensinou que aquele que se humilhar será exaltado. Imediatamente, Deus O exaltou: “...*Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo.*” (Mateus 3.17). Foi uma voz que veio do Céu, e no mesmo instante o Espírito Santo desceu sobre Ele.

Após Sua grande vitória na cruz, ainda era o mesmo servo humilde a revelar-Se para Maria Madalena. O apóstolo Paulo escreveu:

“Tende em vós o mesmo sentimento que houve também em Cristo Jesus, pois ele, subsistindo em forma de Deus, não julgou como usurpação o ser igual a Deus; antes, a si mesmo se esvaziou, assumindo a forma de servo, tornando-se em semelhança de homens; e, reconhecido em figura humana, a si mesmo se humilhou, tornando-se obediente até à morte e morte de cruz.

Pelo que também Deus o exaltou sobremaneira e lhe deu o nome que está acima de todo nome, para que ao nome de Jesus se dobre todo joelho, nos céus, na terra e debaixo da terra, e toda língua confesse que Jesus Cristo é Senhor, para glória de Deus Pai.”

Filipenses 2.5-11

Isso é muito profundo e não são todos que entendem.

É na nossa humilhação diante de Deus que cumprimos a justiça. Existe maior expressão de justiça que aceitarmos que somos nada e que Deus é perfeito e santo? Existe algo mais certo ou mais justo que isso?

Ainda assim, são poucos os que se humilham diante de Deus e muitos os que O desprezam ou mesmo se atrevem a imputar-Lhe a culpa pelos problemas que atravessam em suas vidas.

A humildade, creio eu, é o caminho seguro para recebermos o Espírito Santo em nossas vidas.

O CAMINHO DA VITORIA

As primeiras palavras de ensinamento do Senhor Jesus registradas na Bíblia, que o leitor pode encontrar em Mateus 5.3, foram estas: *“Bem-aventurados os humildes de espírito, porque deles é o reino dos céus”*.

Assim como todos os pecados, guerras, doenças, misérias, crimes, perversidades, etc., tiveram origem no orgulho do coração do diabo, creio firmemente que o princípio de todas as bênçãos na nossa vida começam quando aprendemos a ter um coração humilde diante de nosso Deus.

Da mesma forma, quando nos ensinou a oração do Pai Nosso, as primeiras palavras, antes mesmo de pedirmos “o pão nosso de cada dia”, ensinam submissão: *“Venha o teu reino, faça-se a tua vontade, assim na terra como no céu.”* (Mateus 6.10). Como o orgulho foi a fundação do pecado, a humildade é a de todas as bênçãos.

Quando Jesus, o Filho de Deus, Se humilhou e Se dirigiu ao rio Jordão para ser batizado, tudo começou em Sua vida.

Imagine, caro leitor, o Rei do reis, Filho do Deus Altíssimo, Se batizando juntamente com os pecadores, no batismo de arrependimento que João Batista pregava.

Ele nunca pecou; ora, por que deveria Se batizar publicamente por arrependimento? João, ao vê-Lo, assustou-se e nem queria batizá-Lo, pois não se achava digno de sequer desatar-Lhe as correias das sandálias.

Mas foi com Sua atitude de humildade diante de Deus que, pela primeira vez na Sua vida terrestre, Deus-Pai disse: *“...Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo.”* (Mateus 3.17). Logo em seguida, o Espírito Santo, em forma de pomba, desceu sobre Ele.

Repito isso na esperança de despertar o leitor para a importância do fato.

Ora, o que Ele nos ensinou foi exatamente o que fez: humilhou-Se diante de Deus para ser exaltado por Ele.

O batismo nas águas, ainda hoje, tem o mesmo caráter.

Muitas pessoas vivem neste mundo, segundo seus próprios interesses, ouvindo apenas a si mesmas e procurando satisfazer os desejos de sua carne.

É no momento em que nos voltamos para Deus por motivo de doença, problemas familiares, financeiros ou simplesmente por sentirmo-nos miseráveis pecadores, que descobrimos que o princípio de tudo está no profundo reconhecimento da distância entre as nossas injustiças e a justiça de Deus.

Nada expressa melhor o arrependimento e a conversão sincera que o batismo nas águas, simbolizando que nos humilhamos diante de Deus e matamos a carne que é, acima de tudo, o orgulho.

Quando vivemos nossa vida longe de Deus, alheios à sua vontade, o que é isso, senão o orgulho implantado no coração humano? Isso significa sentir ou pensar que não precisa ou não deve gratidão e obediência ao Criador.

Esse é o maldito orgulho que está no coração, principalmente daqueles que são ricos, importantes, famosos ou mesmo praticantes de uma religião.

Podemos até fazer uma comparação: assim como a Aids tem seu grupo de risco, o orgulho também o tem. São justamente aqueles que se julgam melhores que os outros por possuírem poder, fama, riqueza, religiosidade. Este o mais sutil, pois os religiosos costumam ser humildes na mente, mostrando na oração que se consideram superiores aos outros.

No entanto, gostaria de destacar que o sentimento de orgulho não faz acepção de pessoa; há muito pobre orgulhoso e muito rico humilde.

Daí Jesus ter dito: *“Bem-aventurados os que choram...”* (Mateus 5.4), já que a experiência tem mostrado que, quando todas as coisas vão bem, o coração do homem tem a tendência de se orgulhar. Esse é um fato que, sem dúvida, é pior que qualquer doença ou desastre que possa afligir o corpo, pois pode lançar a alma no inferno. É a expressão mais viva da carne. Então, quando nos batizamos, estamos reconhecendo nossa pequenez e imundícia, e assim, submetemo-nos inteiramente a morrer nas águas para viver, conforme a Santa vontade de Deus.

Através do batismo, demonstramos que estamos matando todo o orgulho de nosso coração em relação ao próximo e principalmente a Deus.

E mais, quando se começa a viver a vida de acordo com a vontade de Deus, é preciso redobrar o cuidado para que o coração não venha a se orgulhar da conversão e nos torne como os religiosos. Estes, embora obedeçam a todos os preceitos da Bíblia, são orgulhosos de si mesmos, tendo em alta conta, nos seus próprios corações, o desprezo pelos que não são como eles, e assim ficam em situação pior que antes, quando viviam envolvidos num mundo de pecado.

Por isso, Jesus nos alertou dizendo:

“Assim também vós, depois de haverdes feito quanto vos foi ordenado, dizei: Somos servos inúteis, porque fizemos apenas o que devíamos fazer.”

Lucas 17.10

Caro leitor, o perigo do orgulho no coração dos convertidos é, talvez, tão grande quanto o dos ricos. Não foi para evitar esse problema que o Senhor colocou um espinho na carne de Paulo? Ele mesmo disse:

“...Espinho na carne, mensageiro de Satanás, para me esbofetear, a fim de que não me exalte.”

2 Coríntios 12.7

Não foi também por isso que Moisés escreveu na Lei, alertando os israelitas quanto ao perigo de julgarem-se justos:

“Quando, pois, o Senhor, teu Deus, os tiver lançado de diante de ti, não digas no teu coração: Por causa da minha justiça é que o Senhor me trouxe a esta terra para a possuir, porque, pela maldade destas gerações, é que o Senhor as lança de diante de ti.”

Deuteronômio 9.4

Não é por causa da tua justiça, nem pela retidão do teu coração que entras a possuir a sua terra, mas pela maldade dessas nações. O Senhor, teu Deus, lança-as de diante de ti, para confirmar a palavra que o Senhor, teu Deus, jurou a teus pais, Abraão, Isaque e Jacó.

Não foram os religiosos que mataram o nosso Senhor Jesus Cristo, porque não podiam aceitá-lo como Rei, mesmo diante de todas as obras que realizou?

Não foi o orgulho no coração deles que os fez levá-Lo à morte, quando Ele tanto os amou?

Os fariseus, assim como os outros religiosos, eram fanáticos observadores da letra da Lei de Moisés. Oravam e jejuavam como ninguém, pagavam dízimos e ofertas, tudo com o intuito de serem exaltados diante dos homens, buscando a glória que seus corações orgulhosos ansiavam.

Orgulho cega!

Dessa forma, não viram a grande luz que andava entre eles, continuaram em trevas e se perderam.

Ora, o caminho da vitória começa na humildade de nossos corações, e, se a cada vitória que obtivermos, nós o mantivermos humilde, isto é, guardarmos o nosso coração do orgulho, então, Deus nos abençoará ainda mais. Assim, nosso caminho de bênçãos estará para sempre aos pés de nosso Senhor Jesus.

Cuidado para que suas conquistas não venham a destruí-lo. O caminho da vitória começa e se mantém na humildade.

Uma das grandes lições que a Bíblia ensina, senão a maior, é a humildade, virtude considerada tão antiquada que leva a pessoa que a pratica ser chamada de fraca, covarde ou simplesmente boba.

Entretanto, nenhuma esperteza, valentia ou força é maior que a humildade em sua total simplicidade, isto é, o profundo reconhecimento da nossa pequenez diante de Deus e a plena convicção de que não somos superiores a quem quer que seja.

Existe uma história de que há muitos anos havia uma cidade construída à beira de um lago formado

por um rio de águas claras, que nascia em uma fonte no alto do Monte Retiro.

Lá, um homem de Deus morava só e se dedicava o quanto podia à prática do estudo da Palavra de Deus, ao jejum e às orações. Por toda a vida, aquele homem foi pregador, fundou igrejas e formou pastores e bispos. Idoso, recolheu-se para morar em uma modesta casa no alto do monte.

Os que agora são bispos, vez ou outra subiam a montanha para visitar o mestre, levar-lhe notícias da obra e buscar conselhos na experiência daquele que tantas lutas travou e venceu por sua fé. Ainda levavam a ele os pastores escolhidos a serem consagrados bispos, e receberem, através da imposição das mãos, a bênção sacerdotal.

Foi num dos mais rigorosos invernos que atingiu aquela parte da Terra, que um jovem pastor, preterido para a consagração a bispo, sentiu-se ferido no seu orgulho e resolveu subir sozinho a montanha a fim de apresentar suas obras e obter diretamente do homem de Deus aquilo que os membros do presbitério lhe negaram.

A caminhada era árdua, a montanha estava coberta de neve e o vento gelado açoitava quem se atrevesse a enfrentá-lo. Só mesmo a obstinação do jovem pastor fazia-o prosseguir em tão adversa situação, em busca do que, em seu coração, era justa recompensa por seus bons serviços prestados.

Depois de caminhar por quase três dias, o jovem pastor, muito cansado, viu a luz da pequena casa onde morava o homem de Deus, juntou suas últimas forças, apressou o passo e logo chegou à cerca que rodeava o sítio, empurrou a porteira e foi direto à porta da casa onde foi acolhido pelo homem de Deus.

Após trocar suas vestes e se aquecer junto à lareira, os dois se puseram junto à janela da sala, observando a neve que, embora fina, não parava de cair. Foi então que o homem de Deus quis saber o que levou o jovem pastor a subir a montanha em tão difícil condição.

Agarrando aquela chance, ele passou a explicar como merecia sua consagração a bispo, já que se sacrificava ao máximo, só andava de branco para vencer qualquer vaidade, bebia somente água para não dar prazer à carne, costumava andar com pedras no sapato para se martirizar. Nas noites de inverno se expunha ao frio e usava uma chibata para açoitá-lo quarenta vezes como prova de sua intensa consagração.

O homem de Deus ouvia atentamente, quando um cavalo branco entrou pela porteira aberta, bebeu água de uma poça e deitou-se cansado sobre a neve chamando a atenção de ambos.

O homem de Deus, apontando para o animal, explicou ao pastor: “Veja, meu filho, o cavalo que nos chama atenção. Ele também só anda de branco, usa pregos no sapato, só bebe água, dorme sobre a neve e recebe muito mais de quarenta chicotadas, no entanto não passa de um animal”.

Assim o jovem pastor aprendeu que, seja lá o que fizermos, ainda que no mais alto grau de sacrifício, se é motivado por um coração orgulhoso em busca de glória, não terá nenhum valor.

Aquele que se humilhar será exaltado e ninguém poderá impedir. Deus o ama sobremaneira,

reconhece seu coração humilde e lhe dará o que pedir.

Outra vez, o cuidado de não se ensoberbecer foi pregado por Moisés aos filhos de Israel. Lembrou-lhes que, quando tivessem tomado a Terra Prometida, lembrassem de se humilhar e não de glorificar a eles próprios por conta da vitória. Disse Moisés:

“Não digas, pois, no teu coração: A minha força e o poder do meu braço me adquiriram estas riquezas.

Antes, te lembrarás do Senhor, teu Deus, porque é ele o que te dá força para adquirires riquezas...”

Deuteronômio 8.17,18

Jesus nos ensinou que no Reino de Deus o menor é o maior, o fraco é o forte, o último é o primeiro, é dando que se recebe, é humilhando-se que se é exaltado, e é morrendo que se vive para a vida eterna.

Lembre-se, caro leitor, de nunca deixar o caminho da vitória, não existe outro, nunca existiu e jamais existirá.

Conforme Ele ensinou: “*Quem a si mesmo se exaltar será humilhado; e quem a si mesmo se humilhar será exaltado.*” (Mateus 23.12).

JESUS DE NAZARE

Quando tratamos de humildade, temos como modelo o nosso Senhor Jesus Cristo, que pelo simples fato de ter nascido, se nada mais fizesse, já nos teria mostrado o perfeito amor e humildade de coração.

Leia o que Paulo escreveu no livro de Filipenses 2.5-8:

“Tende em vós o mesmo sentimento que houve também em Cristo Jesus, pois ele, subsistindo em forma de Deus, não julgou como usurpação o ser igual a Deus; antes, a si mesmo se esvaziou, assumindo a forma de servo, tornando-se em semelhança de homens; e, reconhecido em figura humana, a si mesmo se humilhou, tornando-se obediente até à morte e morte de cruz.”

Conforme estudamos no capítulo três, o sacrifício de nosso Senhor Jesus foi muito além do imenso sacrifício físico, já que coube a Ele atravessar o abismo de onde só voltaria se pecado nenhum tivesse.

Vimos também que morte significa não ter comunhão com Deus. Foi exatamente isso o que aconteceu com o Senhor, que, por representar nossos pecados e carregar as nossas culpas, perdeu a comunhão com Deus e o Espírito Santo. Então, a partir daquele instante, a Santíssima Trindade ficou separada.

Como sabemos, o Senhor Jesus tinha nascido na cidade de Belém, bem próxima a Jerusalém, a mesma cidade onde nasceu o rei Davi.

Dizia a profecia:

“E tu, Belém-Efrata, pequena demais para figurar como grupo de milhares de Judá, de ti me sairá o que há de reinar em Israel, e cujas origens são desde os tempos antigos, desde os dias da eternidade.”

Miquéias 5.2

Nazaré era uma pequenina cidade do norte da Galiléia, sem nenhuma expressão no cenário bíblico. Não é citada uma vez sequer em qualquer dos livros do Antigo Testamento. Nenhum profeta, rei ou juiz tinha nascido em Nazaré.

Jesus se autodenominava “Jesus de Nazaré”. Por isso, sofria preconceito por parte de muitos judeus.

De fato, até os dias de hoje, a cidade de Nazaré continua modesta. Natanael teve preconceito em relação a Jesus, por ter ouvido que Jesus vinha de Nazaré, conforme podemos verificar na Bíblia:

“Filipe encontrou a Natanael e disse-lhe: Achamos aquele de quem Moisés escreveu na lei, e a quem se referiram os profetas: Jesus, o Nazareno, filho de José. Perguntou-lhe Natanael: De Nazaré pode sair alguma coisa boa? Respondeu-lhe Filipe: Vem e vê.”

João 1.45,46

Ao chamar-se “Jesus de Nazaré”, o Senhor Se humilhava ainda mais e Se identificava com os pobres.

Para os ricos, estudiosos ou religiosos, ouvir que Jesus era de Nazaré dava-lhes a certeza de que não passava de um pobre qualquer vindo do interior. Talvez houvesse até um sotaque característico da região, o que inclusive fez com que um dos guardas da casa de Caifás reconhecesse que Pedro, também da Galiléia, falasse como um deles.

Portanto, podemos concluir que Jesus de Nazaré é um nome que, por si mesmo, encerra uma grande lição de humildade.

Quando o orgulhoso Saulo de Tarso, judeu benjamita, criado aos pés de Gamaliel e perseguidor dos cristãos, por ser zeloso fariseu, ia a caminho de Damasco, caiu cego do cavalo por causa de um grande resplendor de luz que o cercou. Ele contou esse fato com as seguintes palavras:

“Ora, aconteceu que, indo de caminho e já perto de Damasco, quase ao meio-dia, repentinamente, grande luz do céu brilhou ao redor de mim. Então, caí por terra, ouvindo uma voz que me dizia: Saulo, Saulo, por que me persegues? Perguntei: quem és tu, Senhor? Ao que me respondeu: Eu sou Jesus, o Nazareno, a quem tu persegues.”

Atos 22.6-8

Fico maravilhado de ver que nosso Senhor Jesus Cristo, mesmo depois de ter tido a completa vitória sobre a morte e ter recebido o Nome que está acima de todos os nomes, e sentar-se à direita de Deus-Pai, ainda Se chamava Jesus de Nazaré.

Todos nós, independente de nossa origem, seja rica ou pobre, devemos aprender a ter nossa cidadania baseada em Nazaré.

Para o perseguidor Saulo, essa foi a primeira grande lição. Imagine, amigo leitor, qual o conceito que Saulo, o judeu com título de cidadão romano, tinha dos que vinham de Nazaré!

Agora, cercado por uma forte luz do Céu, ouviu que se tratava do Senhor de Nazaré. Mais tarde, quebrantado, escreveu a respeito da glória que tinha nesse mundo, quando religioso, dizendo:

“... Se qualquer outro pensa que pode confiar na carne, eu ainda mais: circuncidado ao oitavo dia, da linhagem de Israel, da tribo de Benjamim, hebreu de hebreus; quanto à lei, fariseu, quanto ao zelo, perseguidor da igreja; quanto à justiça que há na lei, irrepreensível.

Mas o que, para mim, era lucro, isto considerei perda por causa de Cristo. Sim, deveras considero

tudo como perda, por causa da sublimidade do conhecimento de Cristo Jesus, meu Senhor; por amor do qual perdi todas as coisas e as considero como refugo, para ganhar a Cristo”

Filipenses 3.4-8

Paulo agora tinha sua cidadania mudada para Nazaré.

Que o Santo Espírito de nosso Senhor Jesus possa transformar o coração de cada um de nós, para que sejamos com Ele um povo de Nazaré. Que possamos considerar todos os títulos que tivermos, se os temos, apenas esterco diante da glória de sermos como Ele, Jesus de Nazaré.